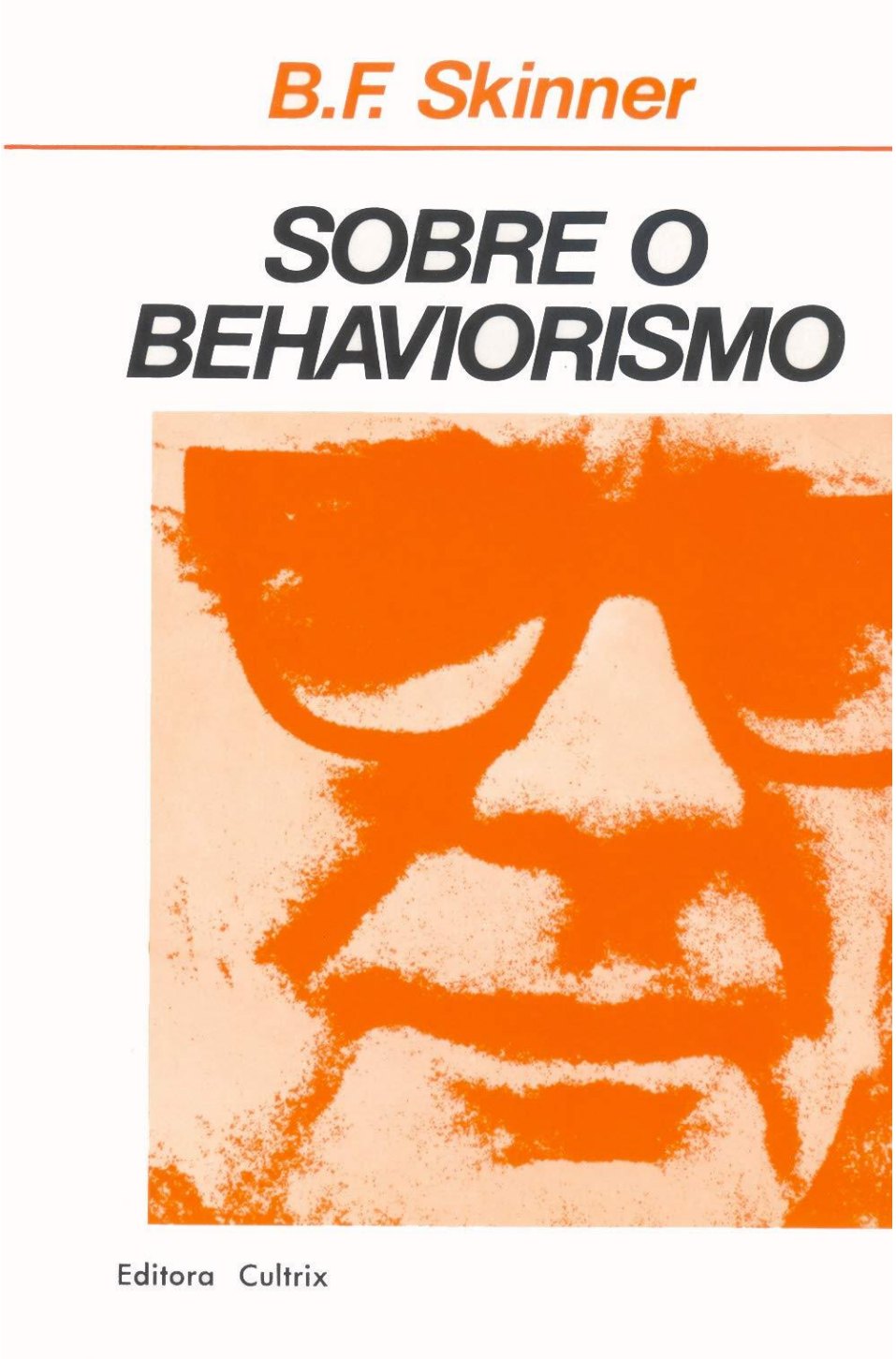
Sobre o Behaviorismo (Resumo Feliz)



B. F. Skinner

SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Cultrix, (1974)

1. As causas do Comportamento

(...). É possível acreditar que o comportamento expresse sentimentos; antecipar o que uma pessoa irá fazer, adivinhando, ou perguntando-lhe como se sente; e mudar o ambiente na esperança de modificar os sentimentos, e, enquanto isso ocorre, não dar nenhuma atenção (ou dar muito pouca) a problemas teóricos. Aqueles que não se sentem muito à vontade com esta estratégia procuram, às vezes, refúgio na Fisiologia. (Pág. 14)

(...). o estruturalismo nos diz como as pessoas agem, mas esclarece muito pouco por que se comportam desta ou daquela forma. Não tem resposta para a qual começamos. (Pág. 16)

O Behaviorismo Metodológico

(...). considerar apenas aqueles fatos que podem ser objetivamente observados no comportamento de alguém em relação com sua história ambiental prévia. (Pág. 16)

(...) as circunstâncias na história de uma pessoa de cor branca geraram nela sentimentos agressivos contra negros, e esses sentimentos levam-na agir agressivamente, então podemos tratar simplesmente da relação entre as circunstâncias de sua história e seu comportamento agressivo. (Pág. 16)

As explicações mentalistas acalmam a curiosidade e paralisam a pesquisa. É tão fácil observar sentimentos e estados mentais, num momento e num lugar, que fazer parecer sejam elas as causas, que não nos sentimos inclinados a prosseguir na investigação. Uma vez, porém, que se começa a estudar o ambiente, sua importância não pode mais ser negada. (Pág. 17)

Não podemos medir sensações e percepções enquanto tais, mas podemos medir a capacidade que uma pessoa tem de discriminar estímulos.

O Behaviorismo Radical

(...) O behaviorismo radical restabelece um certo tipo de equilíbrio. Não insiste na verdade por consenso e pode, por isso, considerar os acontecimentos ocorridos no mundo privado dentro da pele. Não considera tais acontecimentos ocorridos no mundo privado dentro da pele. Não considera tais acontecimentos inobserváveis e

não os descarta como subjetivos. Simplesmente questiona a natureza do objeto observado e a fidedignidade das observações. (Pág. 19)

Algumas palavras de advertência

(...). somos todos dependentes de nossa cultura e que abordamos o estudo do comportamento. (...) (Pág. 20)

(...) A língua inglesa está carregada de mentalismo. Os sentimentos e os estados mentais têm desfrutado posição de destaque na explicação do comportamento humano; e a literatura, por se preocupar com o como e o porquê dos sentimentos humanos, oferece-lhe apoio contínuo. Disso resulta ser impossível engajarmo-nos num discurso casual sem despertar os fantasmas das teorias mentalistas. O papel do meio ambiente foi descoberto muito tarde e ainda não apareceu um vocabulário popular apropriado. (Pág. 21)

2. O Mundo Dentro da Pele

Observando e descrevendo o mundo dentro da pele

Os três sistemas nervosos provavelmente evoluíram até sua condição atual porque desempenhavam importantes funções biológicas, mas acabaram por desempenhar outra função com o surgimento do comportamento verbal. (...) (Pág. 23 e 24)

Seria de esperar que isso ocorresse porque uma pessoa tem contato tão íntimo com seu próprio corpo que deve ser capaz de descrever-lhe particularmente bem às condições e os processos; todavia, a própria intimidade que parece conferir um privilégio especial ao indivíduo torna difícil a comunidade ensiná-lo a fazer discriminações. (Pág. 24)

A comunidade verbal pode também contornar as restrições impostas pela privacidade utilizando respostas colaterais aos estímulos que uma pessoa deve aprender a identificar ou a descrever. (...) (Pág. 25)

Embora a comunidade verbal solucione o problema da privacidade dessa maneira e consiga ensinar uma pessoa a descrever muito de seus estados orgânicos, as descrições nunca são totalmente precisas. (...) Como resultado disso, tendemos particularmente a suspeitar de relatos acerca da estimulação privada, especialmente quando a descrição tem outras consequências. (Pág. 26)

Relatando o Comportamento

Comportamento usual. (...) O vocabulário em que a resposta é dada pode ser adquirido quando o comportamento é visível a toda a todos e a comunidade verbal, por conseguinte, não sofre limitação. (...). Os estímulos proprioceptivos são os dominantes quando uma pessoa descreve seu próprio comportamento no escuro, mas relacionam-se de perto com os estímulos públicos no ensino pela comunidade verbal. (Pág. 26)

Comportamento provável. (...). As respostas dependem presumivelmente de estimulação gerada por condições relacionadas com uma acentuada probabilidade de ação. Quando acontece algo engraçado numa canção solene. (...) (Pág. 27)

Comportamento encoberto.

O comportamento perceptivo encoberto é especialmente intrigante. Imaginar ou fantasiar, com meios de "ver" algo na ausência da coisa vista, é presumivelmente uma questão de fazer aquilo que se faria quando o que se vê está presente. (...) (Pág. 28)

A comunidade verbal pode recorrer a uma ampliação instrumental, como a da atividade dos músculos, e assim, num certo sentido, tornar público o comportamento encoberto e encorajar uma volta ao nível ostensivo, como quando se pede a uma pessoa que “pense em voz alta” e ela não pode manter a precisão do comportamento encoberto. Todavia não há problemas no tocante à procedência do vocabulário. As palavras usadas para descrever o comportamento encoberto são as palavras adquiridas por ocasião do comportamento público. (Pág. 28)

Comportamento futuro.

Enunciados acerca do comportamento futuro frequentemente envolvem a palavra "sinto". Talvez "Sinto vontade de jogar cartas” pode ser traduzido por "Sinto-me como costumava sentir-me quando comecei a jogar cartas". “O que é que você quer fazer? ” pode referir-se ao futuro do sentido de perguntar acerca da probabilidade de comportamento. (Pág. 28)

Em geral, a comunidade verbal pode verificar a precisão dos enunciados relativos à inclinação e tendências, pelo menos de formas estatística, observando o que acontece, e a precisão do controle mantido pelos estímulos privados é assim assegurada, em certa medida. (Pág. 28)

Traduções de músicas. As condições relevantes para o comportamento são relatadas de acordo com a circunstância em que foram adquiridas, e isto significa que uma expressão pode ser traduzida de várias maneiras. (Pág. 28)

Identificando as causas do comportamento de alguém

(...). O Psicoterapeuta que tenta levar seu paciente a compreender-se está presumivelmente salientando relações causais de que este ainda não havia tomado consciência. (Pág. 30)

As experiências do comportamento variam de acordo com os tipos das respostas aceitas pela comunidade verbal. Se um simples "Estou com vontade" for suficiente, nada mais surgirá. Freud exerceu grande influência na mudança dos tipos de respostas frequentemente dadas à pergunta "Por que você está fazendo isso? ". Ele dava ênfase aos sentimentos mais levava em conta a história pessoal. A análise experimental do comportamento vai diretamente as causas ascendentes que estão no ambiente.

O autoconhecimento

(...). Ao organizar as condições em que uma pessoa descreve o mundo público ou privado onde vive, uma comunidade gera aquela forma muito especial de comportamento chamada conhecimento. Responder a um estômago vazio obtendo ou ingerindo comida é uma coisa; saber que se está com fome é outra. Caminhar sobre o terreno acidentado é uma coisa; saber que se está fazendo isso é outra coisa. (Pág. 30)

O autoconhecimento é de origem social. Só quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para as demais é que ele se torna importante para ela própria. Ele então ingressa no controle de comportamento chamado conhecimento. Mas o autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se "tornou consciente de si mesma" por meio de perguntas lhe foram feitas está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento. (Pág. 31)

Nada é diferenciado enquanto não fizer diferença.

(...). A psicologia moderna pode sustentar que foi muito além de Platão no que diz respeito ao controle dos ambientes de que as pessoas se dizem conscientes, mas ela não lhes melhorou muito o acesso à própria consciência porque não foi capaz de aperfeiçoar as contingências verbais em que os sentimentos e os estados mentais são descritos e conhecidos. (...) (Pág. 32)

3. O Comportamento Inato

A espécie humana, como as demais espécies, é um produto da seleção natural. Cada um de seus membros é um organismo extremamente complexo, um

sistema vivo, o objetivo da Anatomia e da Fisiologia. Campos como a respiração, a digestão, a circulação e a imunização foram isoladas para estudo especial e entre eles está a área a que chamamos comportamento. (Pág. 33)

Os reflexos e os comportamentos liberados

Um tipo de relação entre o comportamento e a estimulação é chamado reflexo. (Pág. 33)

Os instintos como forças propulsoras. Engano mais sério se faz ao converter o instinto numa força. Dificilmente falaremos em força ao explicar o fato de um organismo digerir seu alimento ou desenvolver imunidade a uma doença; todavia, tal conceito frequentemente aparece quando se discute a relação de um organismo com seu ambiente. (...) (Pág. 34 e 35)

(...). Os instintos freudianos também foram tratados como forças propulsoras; dizia-se que o comportamento que levava ao perigo, à doença ou à morte revelava um instinto de morte, ao passo que o comportamento dito "a serviço da vida" mostrava um instinto de vida, embora o fato observado foi simplesmente ou de que o comportamento poderia ter consequências mantenedoras ou destrutivas. (Pág. 35)

A teoria da seleção natural de Darwin surgiu tardiamente na história do pensamento. Teria sido retardada porque se opunha à verdade revelada, porque era um assunto inteiramente novo na História da Ciência, porque era características apenas de seres vivos ou por que tratava de propósitos e causas finais sem postular um ato de criação? Creio que não. Darwin simplesmente descobriu o papel da seleção, um tipo de causalidade muito diferente dos mecanismos da ciência daquele tempo. A origem de uma fantástica variedade de coisas vivas poderia ser explicada pela contribuição feita por traços novos, possivelmente de proveniência fortuita, para a sobrevivência. As Ciências físicas e biológicas não apresentavam nada ou quase nada que pronunciasse a seleção como causa principal. (Pág. 35)

(...) A sobrevivência pode ser dita *contingente* em relação a certos tipos de comportamento. (...) Não é fácil estudar experimentalmente essas "contingências de sobrevivências" porque a seleção é um processo lento; alguns efeitos, porém, podem ser mostrados estudando-se espécies que amadurecem rapidamente para a reprodução e organizando com cuidado as condições de seleção. (Pág. 36)

É mais fácil imaginar contingências de sobrevivência se o comportamento tornar mais provável que os indivíduos sobrevivam e se reproduzam e se as contingências prevalecerem por longos períodos de tempo. As condições internas do corpo têm comumente satisfeito essas duas exigências e algumas características do meio exterior, tais como os ciclos de dia e noite, ou as estações do ano, ou da temperatura ou o campo gravitacional. (...) (Pág. 36)

Preparação para novos ambientes

I: *Condicionamento respondente*

As contingências de sobrevivência não podem produzir comportamento útil se o meio mudar substancialmente a cada geração, mas certos mecanismos evoluíram por meio dos quais o indivíduo adquire comportamento apropriado a um novo ambiente durante seu tempo de vida. (Pág. 37)

É questão de simples conveniência identificar a mudança como sendo a aquisição de um reflexo condicionado.

Assim como apontamos as contingências de sobrevivência para explicar um reflexo incondicionado, também podemos apontar as "contingências de reforço" para explicar um reflexo condicionado. Os fenômenos reflexos, condicionados e incondicionados, são conhecidos há séculos, mas só recentemente foi que se investigaram as contingências de sobrevivência e de reforço. (Pág. 37)

Suplementos Internos. O reflexo condicionado é um simples princípio de alcance limitado que descreve certos fatos simples. (Pág. 37)

A preparação para novos ambientes.

II: *Condicionamento Operante*

Processo muito diverso é o condicionamento operante, por via do qual uma pessoa chega a haver-se eficazmente como um novo ambiente. Muitas coisas no meio exterior, tais como comida e água, contato sexual e fuga a danos são cruciais para sobrevivência do indivíduo e da espécie e, por isso, qualquer comportamento que as produza tem o valor de sobrevivência. Através do processo de condicionamento operante, o comportamento que apresenta esse tipo de consequência tem mais probabilidade de ocorrer. Diz-se que o comportamento é *fortalecido* por suas consequências e por tal razão as próprias consequências são chamadas de “reforços”. (Pág. 38)

A distinção comum entre comportamento operante e comportamento reflexo é a de que um é voluntário e o outro involuntário. O comportamento operante é encarado como estando sobre controle da pessoa que age e tem sido tradicionalmente atribuído a um ato de vontade. O comportamento reflexo, por outro lado, não está sob controle comparável e já foi até mesmo atribuído a vontade de invasores como, por exemplo, espíritos possessores. (Pág. 38)

Mescla de contingência de sobrevivência e de reforço

Imprintação. O condicionamento Operante e a seleção natural combinam-se na chamada “imprintação”. (Pág. 39)

A imitação e o instinto de rebanho. A seleção natural e o condicionamento operante são frequentemente confundidos quando produzem comportamentos que tem topografia e semelhantes. O valor da sobrevivência de comportar-se como os outros se comportam parece ser óbvio. (Pág. 39)

Territorialidade e agressão.

O comportamento agressivo pode ser inato e liberado por circunstâncias específicas nas quais o valor de sobrevivência é plausível. (...) (Pág. 40)

Os “universais” específicos da espécie. O termo "instinto” é evitado, às vezes por meio de referência ao comportamento específico de uma espécie com base na teoria de que alguma coisa que seja característica de todos os membros de uma espécie deve construir parte de sua dotação genética. Mas as contingências de reforço também são específicas da espécie. (Pág. 40)

(...). A existência de traços universais da linguagem não implica uma dotação inata universal porque as contingências de reforço organizadas pelas comunidades verbais possuem traços universais. (...) (Pág. 41)

A importância de manter a distinção.

No sentido importante todo o comportamento é herdado, uma vez que o organismo que se comporta é produto da seleção natural. O condicionamento operante faz parte da dotação genética tanto quanto a digestão ou a gestação. O problema não consiste em saber se a espécie humana tem uma dotação genética, mas em como deve ser ela analisada. Ela começa por ser e continua a ser um sistema biológico e a posição behaviorista é de que não é nada mais que isso. (Pág. 41)

“A evolução da mente”

O behaviorista tem uma resposta simples. O que evolui foi um organismo, parte de cujo comportamento foi conjunturalmente explicada pela invenção do conceito de mente. Não é preciso recorrer a nenhum processo evolutivo especial quando os fatos são considerados como cumpre. (Pág. 42)

4. O Comportamento Operante

(...). Quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente. (...) (Pág. 43)

O processo suplementa a seleção natural. Consequências importantes do comportamento, que não poderiam desempenhar um papel na evolução porque não constituem traços suficientemente estáveis do meio, tornam-se eficazes, por intermédio do condicionamento operante, durante a vida do indivíduo, cujo poder de haver-se com o seu mundo é assim grandemente ampliado. (Pág. 42)

A sensação do reforço

(...). O comportamento ocorre porque mecanismos apropriados foram selecionados no curso da evolução. As sensações são apenas produtos colaterais das condições responsáveis pelo comportamento. (Pág. 44)

As sensações têm dominado a discussão acerca de recompensas e punições há séculos. Uma das razões disso é o fato de que as condições que relatamos quando dizemos que um sabor, um aroma, um som, um quadro ou uma peça de música é delicioso, agradável ou belo fazem parte da situação imediata, ao passo que o efeito que podem exercer no sentido de modificar-nos o comportamento é muito menos saliente - e com menor probabilidade de ser “visto", porque o ambiente verbal não pode estabelecer boas contingências. De acordo com a filosofia do hedonismo, as pessoas agem para obter prazer e fugir da dor ou evitá-la e os efeitos mencionados na famosa Lei do Efeito de Edward L. Thorndike eram sensações: "satisfatórias” ou "molestas". (...). (Pág. 44)

Carências, necessidades, desejos e anseios

Os estados associados com carecer e necessitar serão mais provavelmente sentidos se nenhum comportamento pertinente foi possível no momento. (Pág. 46)

Ideias e Vontade

As consequências que afeiçoam e mantêm o comportamento chamado operante não estão presentes no ambiente em que uma resposta ocorre; elas se tornaram parte da história do organismo. O ambiente atual pode afetar a probabilidade de uma resposta. (...). (Pág. 48)

Para distinguir um reflexo operante de um reflexo suscitado, dizemos que a resposta operante é “emitida” (...). A característica é que parece não ser necessário um acontecimento causal anterior. Reconhecemos isto quando dizemos que “ocorreu-

lhe ir" como se disséssemos que "o ato de ir ocorreu-lhe". "Ideia" é usada para representar comportamento nesse sentido. (...). (Pág. 48 e 49)

A falta aparente de uma causa imediata no comportamento operante levou à invenção de um acontecimento iniciante. **Diz-se que um comportamento é posto em ação quando uma pessoa deseja agir**. (...) Mas as condições que determinam a forma de probabilidade de um operante **estão na história da pessoa**. Como não estão manifestamente representadas no ambiente atual, são facilmente negligenciadas. Torna-se então **fácil acreditar que a vontade é livre e que a pessoa tem liberdade de escolher**. A questão é o determinismo. (...) (Pág. 49)

"Liberdade" geralmente significa ausência de restrição ou coerção; mais latamente, significa ausência de qualquer determinação anterior. "Todas as coisas que passam a existir, exceto os atos de vontade, têm causas". Alguns teólogos preocuparam-se com a liberdade necessária para tornar uma pessoa responsável, mas não se satisfizeram facilmente; a doutrina chamada arminiana sustentava que uma pessoa só age livremente se escolheu agir e só *quando a escolha de agir foi determinada por outra escolha.* (Pág. 49)

A proeminência das causas está em questão quando o comportamento reflexo é chamado involuntário (...). O comportamento operante é chamado voluntário, mas, na verdade, não é um comportamento sem causa; só que a causa é mais difícil de localizar. (...) (Pág. 50)

Assim como "ideia", "vontade" é usado quase como sinônimo de comportamento ou pelo menos de probabilidade dele. Boa vontade é uma presteza ou uma probabilidade. (Pág. 50)

Propósito e intenção

Uma boa dose de incompreensão surgiu do fato de as primeiras representações do propósito terem sido espaciais. O propósito do corredor é alcançar a meta e jogamos gamão a quatro com o propósito de levar nossas peças à vitória. Nos labirintos em que outrora se estudava o comportamento proposital, os organismos se moviam-se em direção ao lugar em que o reforço ocorreria. (...) (Pág. 51)

Nem todas as consequências são reforçadoras e grande parte do efeito das que o são depende das contingências. Psicanalistas já disseram, repetidas vezes, que o verdadeiro propósito de um jogador é punir-se com o perder. (...) (Pág. 51)

Os utilitaristas supunham fosse possível medir quantidades de prazer e dor de forma tal que o prazer gerado pelo comportamento socialmente condenável pudesse ser contrabalançado por uma dose calculada de dor sob a forma de punição.

Infelizmente, a condição gerada por um reforçador e sentida com prazer é relativamente insignificante no que tange à determinação da quantidade de comportamento produzida quando comparada com o esquema de reforço. (Pág. 51)

Buscar ou procurar algo parece ser uma ação vigorosamente orientada para o futuro. Aprendemos a procurar um objeto quando adquirimos um comportamento que tem comumente, como consequência, o encontro do dito objeto (...). Buscar socorro é agir de maneira que tenham, no passado, proporcionado socorro. (...) (Pág. 52)

Sentimentos associados com esquemas de reforço

A probabilidade de uma pessoa responder de determinada maneira por causa de uma história de reforço operante muda à medida que as contingências mudam. Condições corporais correlatas podem ser sentidas ou observadas introspectivamente e são amiúde citadas como causas dos estados ou mudanças de probabilidade. (Pág. 52)

Quando não há mais reforço, o comportamento se extingue e raramente, ou nunca mais, aparece.

A frustração é uma condição muito diferente, que incluía a tendência, frequentemente característica de uma falta de reforço, de atacar o sistema. (...) (Pág. 53)

Os esquemas de razão variável, nos quais o reforço ocorre após certo número médio de respostas, mas em que a próxima resposta a ser reforçada não pode ser prevista, são particularmente interessantes. Diz-se que uma história favorável, na qual a média é lentamente ampliada, gera força de vontade, de par com grande quantidade de energia psíquica ou libido. (...) (Pág. 54)

É característica do reforço intermitente que o comportamento possa ser mantido por longos períodos de tempo com pouquíssima retribuição. Isso já foi explicado dizendo-se que “os seres humanos são criaturas feitas de esperança e não seres geneticamente ideados para conformar-se", mas não há nada essencialmente humano no que toca aos efeitos, e não é a esperança nem a resignação, mas as contingências que são as causas manifestas e acessíveis. (Pág. 55)

Estímulos adversativos e punição

Os estímulos adversativos, os quais produziam uma série de condições corporais sentidas ou introspectivamente observadas, são os estímulos que funcionam como reforçadores quando reduzidos ou eliminados. Têm diferentes efeitos quando relacionados de outras formas com o comportamento. No

condicionamento respondente, se um estímulo anteriormente neutro, como uma campainha, por frequentemente seguido, após o intervalo, de um estímulo nocivo, tal como um choque elétrico, a campainha acaba por suscitar reações, principalmente no sistema nervoso autônomo, que são sentidas como ansiedade. A campainha tornou-se um estímulo adversativo condicionado, o qual pode então produzir o efeito de modificar a probabilidade de qualquer comportamento positivamente reforçado que esteja em andamento. (...) (Pág. 55)

A mudança de sentimento e a de comportamento têm uma causa comum.

A punição é facilmente confundida com o reforço negativo algumas vezes chamado "controle adversativo" ponto os mesmos estímulos são usados e o reforço negativo pode ser definido como a punição por não agir; a punição visa remover um comportamento de um repertório, ao passo que o reforço negativo gera o comportamento. (Pág. 56)

As contingências punitivas são exatamente o contrário do reforço. Quando uma pessoa bate numa criança ou ameaça bater-lhe porque elas se poupam mal, está *apresentando* um reforço negativo em vez de eliminá-lo, e quando o governo multa um infrator ou o põe na cadeia, está removendo um reforçador positivo (ou uma situação na qual o comportamento pode ser positivamente reforçado), não apresentando um reforçador negativo. Se o efeito fosse simplesmente o inverso do efeito reforço, grande parte do comportamento poderia ser facilmente explicado; entretanto, quando o comportamento é punido, vários estímulos gerados pelo comportamento ou pela ocasião são condicionados no padrão de resposta e o comportamento punido é então deslocado por comportamento incompatível, condicionado como fuga ou evitação. Uma pessoa punida continua "inclinada" a comportar-se de forma punível, mas evita a punição fazendo alguma outra coisa, talvez apenas, mais do que teimosamente não fazendo nada. (Pág. 56)

A frequência, a severidade e o esquema de punição geram outros aspectos do comportamento geralmente atribuídos a sentimentos ou traços de caráter. (Pág. 57)

O estruturalismo

Se o behaviorismo não tivesse substituído os sentimentos e os estados mentais, que foram abandonados enquanto explicações, poderia certamente ser considerado como uma espécie de estruturalismo; todavia, encontrou substitutos no meio ambiente. À medida que aprendemos mais acerca do papel das contingências de reforço, é bem mais provável que prossigamos para além das propriedades formais. (Pág. 58)

O estruturalismo está envolvido na distinção amiúde traçada entre aprendizagem ou competência e desempenho. A distinção foi útil dos primeiros estudos relativos à aprendizagem porque as modificações de desempenho, então observadas, eram assaz erráticas. Uma vez admitido que a aprendizagem era um processo ordenado, parecia haver uma discrepância, a qual foi resolvida supondo-se que a aprendizagem não era revelada de modo muito exato pelo comportamento apresentado pelo organismo. Desempenho era claramente um termo estruturalista; referia-se àquilo que um organismo fazia sem referência ao porquê da ação. Técnicas aprimoradas revelaram uma relação ordenada entre o desempenho e as contingências e eliminaram a necessidade de recorrer-se a um processo interior e separado de aprendizagem, ou a competência. (Pág. 59)

(...). Os arranjos ambientais que produzem um reflexo condicionado são bem diferentes daqueles que produzem o comportamento operante, independentemente dos respectivos sistemas. (...) (Pág. 59)

A mente no comportamento operante

A concepção de que a atividade mental é essencial para o comportamento operante constitui um exemplo da concepção de que sentimentos ou estados introspectivamente observados são causalmente eficazes. (...) (Pág. 60)

Diz-se que também que o comportamento operante exige a "associação" de ideias. O fato de uma criança aprender a evitar uma estufa quente é visto como implicando que "a criança tem a habilidade de associar essa ação... com queimar-se". Mas, como num reflexo condicionado, tocar e queimar-se estão correlacionados nas contingências. Diz também que o reforço "fornece a informação" (...). (Pág. 62)

Outro suposto processo mental considerado como necessário no condicionamento operante é a compreensão. As pessoas devem “compreender as regularidades com que podem contar”. Sua ação deve “apoiar-se na compreensão de como as coisas se comportam”. Outro estado considerado necessário é a crença. As pessoas têm de acreditar que aquilo que estão fazendo tem alguma probabilidade de propiciar-lhes o que desejam ou de evitar aquilo que tem aversão. Mas as probabilidades estão nas contingências. (...). (Pág. 62 e 63)

(...). A felicidade é um sentimento, um subproduto do reforço operante. As coisas que nos tornam felizes são as que reforçam; todavia, são as próprias coisas, não os sentimentos, que devem ser identificadas e usadas na previsão, controle e interpretação. (...) agimos para alcançar a felicidade. Mas a busca, assim como a procura, é tão-só um comportamento que foi reforçado pela obtenção de algo. O comportamento torna-se busca somente após o reforço. (Pág. 63)

5. Perceber

Segundo a concepção tradicional, uma pessoa responde ao mundo que a cerca no sentido de a dizer sobre ele. Etimologicamente experimentar o mundo é pô-lo à prova, e percebê-lo é captura-lo - tomá-lo e possuí-lo. (...) (Pág. 65)

(...) a ação inicial é empreendida pelo ambiente e não pelo percipiente. O reflexo era um exemplo claro e uma versão estímulo-resposta do behaviorismo obedecia ao mesmo padrão, como o fizeram a teoria da informação. (...). na mentalista, o mundo era recebido pelo percipiente; na concepção estímulo-resposta, o ambiente abria o caminho até ele. (Pág. 65 e 66)

O controle, por estímulos, do comportamento operante

O ambiente afeta um organismo depois, bem como antes, de ele responder. A estímulos e respostas acrescentamos a consequência e não se trata de um terceiro termo numa sequência. A ocasião em que o comportamento ocorre, o próprio comportamento, e suas consequências estão inter-relacionados nas contingências de reforço que já examinamos. Como resultado de seu lugar nessas contingências um estímulo presente quando a resposta é reforçada adquire certo controle sobre tal resposta. Ele não suscita então a resposta, como ocorre no reflexo; simplesmente aumenta a probabilidade de ela vir a ocorrer novamente e fá-lo em combinação com outras condições que afetam a probabilidade, tais como discutidas no capítulo anterior. (...) (Pág. 66)

O papel do estímulo dá o comportamento perante caráter especial. O comportamento não é denominado pelo cenário atual, como parecia ocorrer na psicologia do estímulo-resposta; não é “limitado pelo estímulo”. Não obstante, a *história* ambiental ainda mantém o controle: a dotação genética da espécie, mais às contingências as quais o indivíduo foi exposto, determina aquilo que perceberá. (Pág. 66)

Condições a afetar o que é visto

(...). Não estamos apenas “atentos” ao mundo que nos cerca; respondemos-lhe de maneiras idiossincráticas por causa do que já aconteceu quando estivemos anteriormente em contato com ele. (...) (Pág. 67)

Quando um estímulo é fraco ou vag7o, torna-se amiúde claro que outras condições estão afetando a probabilidade de uma pessoa ver uma coisa de determinada maneira. (...). (Pág. 67)

(...). Um ligeiro ruído à noite é ouvido como ruído produzido por ladrão ou rato por aqueles que respondem vigorosamente a ladrões ou a ratos. (...) (Pág. 67)

Reconhecemos a importância de uma história de reforço quando nos propomos a tornar mais provável que uma pessoa venha a ver determinada coisa - ou, em outras palavras, que se empenha numa determinada espécie de ver. Podemos apresentar uma coisa subitamente ou patentemente ou de forma nova e, por conseguinte, surpreendente; podemos outrossim apontar para ela se nosso sujeito aprendeu a observar (...). Mas podemos também cuidar de que um objeto particular seja visto em contingências que só podem ser satisfeitas respondendo-se a ele. Os sinais de trânsito foram ideados para serem vistos com facilidade, mas nós os vemos ou os ignoramos em grande parte por causa das consequências contingentes. Frequentemente se diz que medidas deste tipo aumentam a percepção de uma pessoa ou expandem-lhe a mente ou consciência; contudo, elas simplesmente colocam a pessoa sob controle mais efetivo de seu ambiente. (Pág. 68)

Experiência versus **Realidade**

Os psicofísicos exploram de forma rigorosa a correspondência entre experiência e realidade. Psicólogos de outrora, como Wundt e Titchener, tentaram descobrir o que uma pessoa via (ou ouvia, sentia, etc.) sob o puro controle dos estímulos presentes, isenta dos efeitos da prévia exposição. Um observador treinado, deveria descrever suas sensações sem cometer o "erro de estímulo” - isto é, deveria descrever aquilo para que estava olhando como se nunca o tivesse visto antes ou como se não pudesse nada ter aprendido a seu respeito deveria ser uma "mancha colorida" em vez de um objeto; deveria sentir um gosto salino em vez de gosto de sal; deveria sentir-se aquecido, em vez de sentir o calor do sol em sua pele. (Pág. 69 e 70)

A teoria da cópia

Aqueles que acreditam vermos cópias do mundo podem sustentar que nunca vemos o próprio mundo; é pelo menos igualmente plausível, porém, que nunca vemos outra coisa. (Pág. 71)

Ver na ausência da coisa vista

Quando uma pessoa lembra algo que viu alguma vez ou se entrega a fantasia (...). Novamente, devemos voltamos para sua história ambiental à procura de uma resposta. Após ouvir várias vezes uma peça musical, uma pessoa poderá ouvi-la mesmo quando eu não esteja sendo tocada, embora provavelmente não de forma tão completa ou tão clara. (Pág. 72 e 73)

Ver na ausência da coisa vista é experiência familiar a quase toda a gente, mas a formulação tradicional é uma metáfora. Tendemos a agir no sentido de produzir estímulos que são reforçadores quando vistos. (Pág. 73)

(...). De acordo com um dicionário, a fantasia é definida como “o ato ou função de formar imagens ou representações por percepção direta ou pela memória” (...). (Pág. 74)

Uma pessoa é modificada pela contingência de reforço em que age; ela não armazena contingências. Particularmente, não armazena cópias dos estímulos que desempenharam algum papel nas contingências. Não há "representações icônicas” em sua mente; não há "estruturas de dados guardadas em sua memória"; ela não possui um "mapa cognitivo" do mundo em que tem vivido. Foi simplesmente modificada de tal forma que os estímulos controlam agora tipos particulares de comportamento perceptivo. (Pág. 74)

(...). sonhar é um *comportamento* perceptivo e a diferença entre o comportamento durante a vigília e durante o sono, quer seja em cenário relevante, que fora dele, constitui simplesmente uma diferença nas condições de controle.

Há muitas maneiras de levar uma pessoa a ver quando não há nada para ser visto, e todas elas podem ser analisadas como um arranjo de contingências para fortalecer o comportamento perceptivo. Algumas práticas da terapia de comportamento, na quais se pede ao paciente imaginar várias condições ou acontecimentos, foram criticadas como não genuinamente comportamentais por fazerem uso de imagens. Mas não existem imagens no sentido de cópias privadas; o que existe é comportamento perceptivo, e as medidas tomadas pelo psicoterapeuta visam a fortalecê-lo. (Pág. 75)

A mente e o controle por estímulos

(...). Quando o operacionismo fez com que as atenções se voltassem para o estudo dos processos de discriminação em vez de sensações, considerava-se a pessoa como olhando ou ouvindo o mundo exterior. Ela não estava mais relatando suas percepções ou sensações; estava relatando estímulos. O mundo voltava a ocupar o lugar que lhe pertencia. (Pág. 76)

(...). o sonhador não sabe, porém, que aquilo que vê "não está realmente ali”, e responde com toda a intensidade de que é capaz uma pessoa adormecida. (O conhecimento introspectivo do sonho é fraco ou deficiente porque também o são as condições necessárias para a auto-observação, e quando tal autoconhecimento sobrevive no estado de vigília, seu desaparecimento é no geral tão rápido quanto o esquecimento dos sonhos.) É também possível saber que já se viu algo antes. Re-

conhecemos o que conhecemos anteriormente. No *déjà vu* este traço do autoconhecimento é deficiente. (Pág. 77)

6. O Comportamento Verbal

Em fase relativamente tardia de sua história, a espécie humana sofreu uma mudança notável: sua musculatura vocal foi posta sob controle operante. Como outras espécies, ele tinha, até então, externado gritos de alerta, brados ameaçadores e outras respostas inatas, mas o comportamento vocal operante fez grande diferença porque ampliou a esfera de ação do ambiente social. Nascera a linguagem e, com ela, muitas características importantes do comportamento humano para as quais se havia inventado uma porção de explicações mentalistas. (Pág. 79)

A própria diferença entre “linguagem” e “comportamento verbal” é um exemplo. A linguagem tem um caráter de coisa, algo que a pessoa adquire e possui. (Pág. 79)

A maneira de uma pessoa falar depende das práticas da comunidade verbal a que pertence. Um repertório verbal pode ser rudimentar ou pode apresentar uma topografia elaborada sob tipos muito sutis de controle por estímulos. As contingências que o modelam podem ser indulgentes (como quando os pais respondem às formas toscas por que as crianças se aproximam das formas padronizadas) ou exigentes (como no ensino de dicção). Diferentes comunidades verbais modelam e mantêm línguas diferentes no mesmo falante, o qual possui então repertórios diferentes que exercem efeitos semelhantes em ouvidos diferentes. (Pág. 79 e 80)

Significado e referência

O mesmo ponto é trazido à baila, mas com número muito maior de implicações, quando se fala do significado do comportamento verbal. A função global do comportamento é crucial. Num padrão prototípico, um falante está em contato com uma situação à qual um ouvinte está disposto a responder, mas com que não tem contato. Uma resposta verbal da parte do falante possibilita ao ouvinte responder apropriadamente. (Pág. 80)

A confiança do ouvinte no que o falante diz assemelha-se à confiança que subjaz a probabilidade de qualquer resposta ("Creio que isto dará certo”) ou controle exercido por qualquer estímulo (“Creio que este é o lugar adequado"). Ela depende de contingências passadas e não se ganha nada interiorizando-as. Definir a confiança entre as pessoas como "a expectativa que um indivíduo ou um grupo tem de poder contar com a palavra, a promessa ou a declaração verbal ou escrita de outro indivíduo ou grupo" é complicar desnecessariamente as coisas. (Pág. 81 e 82)

O *significado de uma resposta para o falante* inclui o estímulo que a controla (...) e, possivelmente, aspectos adversativos da questão, dos quais se obterá alívio por via de uma resposta. (Pág. 82)

Um referente pode ser definido como aquele aspecto do ambiente que exerce controle sobre a resposta da qual é considerado referente. Isso ocorre por causa das práticas reforçadoras de uma comunidade verbal. Em termos tradicionais, significados e referentes não há de ser encontrados nas palavras, mas nas circunstâncias em que as palavras são usadas pelo falante e compreendidas pelos ouvintes; todavia, "usadas" e "compreendidas" exigem uma análise adicional. (Pág. 82)

Metáfora: Vimos que um estímulo presente quando uma resposta é reforçada adquire algum controle sobre a probabilidade de a resposta ocorrer; e que esse efeito se generaliza: os estímulos que possuam algumas de suas propriedades também adquirem algum controle. No comportamento verbal, um tipo de resposta evocada por um estímulo meramente semelhante é chamada metáfora. A resposta não é transferida de uma situação para outra, como a etimologia poderia sugerir; ela simplesmente ocorre por causa de uma semelhança nos estímulos. Tendo dito "explode" em conexão com bombas ou balas de estado, uma pessoa pode descrever um amigo que subitamente se comporta de maneira violenta como "explodindo de raiva". Outras figuras de linguagem ilustram outros processos de comportamento. (Pág. 83)

Abstração: um traço característico do comportamento verbal diretamente atribuível a contingências especiais de reforço é a abstração é a abstração. É o ouvinte, não o falante, que empreende uma ação prática com relação aos estímulos controladores de uma resposta verbal e, em resultado disso, o comportamento do falante pode colocar-se sobre o controle das propriedades de um estímulo para o qual não há uma resposta apropriada. (Pág. 83)

O que existe são contingências que colocam comportamento sobre controle de propriedades ou classes de objetos definidos por propriedades. (Pág. 84)

Conceitos: (...) um conceito é simplesmente uma característica de um conjunto de contingências que existem no mundo e a descoberto apenas no sentido de que as contingências colocam o comportamento sobre seu controle. (Pág. 84)

Sentenças e proposições

A noção tradicional de significado e de referente causa problemas quando começamos a analisar respostas verbais mais amplas, sob controle de circunstâncias ambientais mais complexas. (...). Certamente, uma sentença significa mais do que suas palavras separadamente. As sentenças fazem mais do que referir-se a coisas; *dizem* coisas. Mas o que são as coisas que dizem? Uma resposta tradicional é

"Proposições”. Mas proposições são tão esquivas quanto significados. A concepção de Bertrand Russel foi assim parafraseada: "O significado de uma sentença é aquilo que é comum a uma sentença numa língua e essa tradução noutra língua. (...)”. (Pág. 84)

Uma tradução pode ser mais bem definida como estímulo verbal que produz o mesmo efeito do original (ou tanto do mesmo efeito quanto possível) numa comunidade verbal diferente. Uma tradução francesa de um livro inglês não é outro enunciado de um conjunto de proposições; é outra amostra de comportamento verbal que produz, num leitor francês, efeitos semelhantes àquele que a versão inglesa produz no leitor inglês. A mesma interpretação pode-se fazer da tradução de um meio de comunicação em outro. (Pág. 85)

Os conceitos de expressão e comunicação podem ser tratados de forma semelhante. Um falante ou ouvinte responde às condições do seu corpo que aprendeu a chamar sentimentos; entretanto, o que diz ou ouve é comportamento devido a contingências das quais as condições sentidas podem ser subprodutos. Dizer que a música expressa "aquilo que é inexprimível numa linguagem cognitiva, e, especialmente, numa linguagem científica", é dizer que ela produz um efeito que o comportamento verbal não pode produzir. O comportamento verbal não comunica sentimentos, embora possa resultar em condições sentidas de maneira semelhante. Não comunica proposições ou instruções. (Pág. 85)

A manipulação de palavras e sentenças

As regras transformacionais que geram sentenças aceitáveis para um ouvinte podem ser interessantes, mas mesmo assim é um erro supor que o comportamento verbal seja gerado por elas. Assim, podemos analisar o comportamento de crianças pequenas e descobrir, por exemplo, que parte de sua fala consiste de uma pequena classe de “modificadores” e uma classe muito mais ampla de “substantivos”. (Este fato do comportamento verbal se deve a contingências de reforço organizadas pela maioria das comunidades verbais.) Não se segue daí que a criança "forma uma frase nominal de certo tipo (...) selecionado, em primeiro lugar, uma palavra da grande classe dos substantivos”. Esta é a reconstrução que o linguista faz após o fato. (Pág. 87)

Desenvolvimento. Uma preocupação indevida com a estrutura do comportamento verbal encorajou a metáfora do desenvolvimento ou crescimento. A extensão do enunciado é representada como uma função da idade e os traços semânticos e gramaticais são observados à medida que se "desenvolvem”. O desenvolvimento da linguagem numa criança é facilmente comparado ao crescimento de um embrião e a gramática pode assim ser atribuída a regras que a criança possui ao nascer. Diz-se que um programa, sobre a forma de um código genético, “inicia a guia a primeira aprendizagem (...) enquanto a criança adquire a linguagem”. Mas a

espécie humana não evolui de acordo com um plano implícito: evoluiu através da seleção sob contingências de sobrevivência, como comportamento verbal da criança evoluiu sob a ação seletiva de contingências de reforço. Como já assinalei, o mundo de uma criança também se desenvolve. (Pág. 88)

Comportamento verbal criativo

No comportamento verbal, como em todo o comportamento operante, formas originais de respostas são suscitadas por situações às quais uma pessoa não foi anteriormente exposta. A origem do comportamento não é diversa da origem das espécies. Novas combinações de estímulo aparecem em novas situações, e as respostas que as descrevem podem nunca ter sido dadas antes pelo falante, ou lidas ou ouvidas por ele na fala de outrem. Há muitos processos comportamentais que geram "mutações", as quais são então submetidas a ação seletiva das contingências de reforço. Nós todos produzimos novas formas - por exemplo, neologismos, misturas, palavras *portmanteau* observações espirituosas que envolvem distorções e erros da fala rápida. (Pág. 88 e 89)

7. O Pensar

(...) O comportamento é transferido para a mente como o propósito, intenção, ideias e atos de vontade. Perceber o mundo e tirar proveito da experiência converte-se em “atividades cognitivas de propósitos gerais" (...). (Pág. 91)

A argumentação envolvida é a seguinte: a vida mental e o mundo em que é vivida são invenções. Foram inventados por analogia com o comportamento externo que ocorre em contingências externas. Pensar é comportar-se. (Pág. 92)

Pensar é comportar-se.

O Controle “cognitivo de estímulos

Inventaram-se atividades mentais ou cognitivas análogas. Prestamos atenção a um estímulo ou o ignoramos sem modificar nenhuma condição física (por exemplo, podemos ouvir um determinado instrumento numa música gravada, suprimindo em parte nossas respostas a outros instrumentos), e diz-se que fazendo o mesmo com diversos mecanismos mentais. O rádio e a televisão são provavelmente responsáveis pela metáfora comum de "ligar ou desligar o mundo”. Uma metáfora mais antiga que se assemelha ao demônio de Maxwell na segunda lei da termodinâmica, retrata uma espécie de porteiro - um criado leal que só admite os estímulos desejados e defende seu amo dos indesejados. Já se disse ser "concebível que o sistema nervoso desligue, de fato, um ouvido para poder ouvir o outro”. (...) (Pág. 93)

A abstração e a formação de conceitos são operações provavelmente chamadas de cognitivas, mas elas envolvem também contingências de reforço. Não precisamos supor que uma entidade ou um conceito abstrato estão contidos na mente: uma sutil e complexa história de reforço produziu um tipo especial de controle por estímulo. (...) (Pág. 94)

Busca e rememoração

A busca constitui outra das atividades chamadas cognitivas e afeta o contato da pessoa com os estímulos controladores.

As técnicas de remuneração não estão relacionadas com buscar no depósito da memória, mas com aumentar a probabilidade de respostas. Os meios mnemônicos são comportamentos pré-aprendidos, ou facilmente aprendidos, que incitam ou fortalecem o comportamento a ser recordado. Se esquecermos a parte seguinte de uma peça musical que estamos tocando ou de um poema que estejamos recitando, voltamos ao começo, não porque a música ou o poema tenham sido armazenados como uma unidade de memória, de forma a uma parte auxiliar-nos a encontrar a outra, mas pelo fato de a estimulação extra que geramos ao recomeçar ser suficiente para evocar a passagem esquecida. (Pág. 97)

Resolvendo problemas

Dizer que “os seres humanos podem tomar decisões e as desejam tomar” significa simplesmente dizer que uma situação, na qual duas ou mais respostas são igualmente prováveis, pode ser adversativa e que qualquer comportamento decisório que fortaleça uma resposta e torne a outra improvável é reforçado. (...) (Pág. 99)

A pessoa carece de liberdade para escolher, no sentido de que só pode fazer se não houver restrições.

A importância da análise comportamental torna-se clara sempre que nos empenhamos em fazer algo acerca da solução de problemas. Para ensinar um comportamento semelhante a uma criança, por exemplo, teremos, nesta ou naquela ocasião, de salientar todos esses ingredientes. É duvidoso que pudéssemos progredir muito incutindo na criança "a necessidade de superar a barreira da distância". (Pág. 100)

8. Causas e razões

O comportamento discutido no último capítulo é um produto de contingências do reforço. (Pág. 105)

Orientação e instruções

As instruções são ideadas para tornar desnecessárias orientações ulteriores. Uma pessoa que esteja aprendendo a dirigir automóvel responde ao comportamento verbal da pessoa sentada ao lado (...). Esses estímulos verbais podem no começo ser orientações, mas tornam-se instruções se o auxílio verbal for prestado só quando necessário. Mais tarde, eventualmente as contingências naturais, não verbais, de dirigir um carro, controlarão o comportamento do condutor. Aprender a dirigir simplesmente por exposição a tais contingências exigiria tempo muito longo. (...) (Pág. 106)

Folclore, máximas e provérbios

(...) O folclore, as máximas e os provérbios são, muitas vezes, assaz eficaz porque inúmeras vantagens do comportamento que fortalecem são longamente postergadas e não funcionam bem como reforço. (Pág. 107)

Leis governamentais e religiosas

(...). As contingências se tornaram mais poderosas quando foram codificadas em advertências religiosas e governamentais, em orientações e instruções chamadas leis. Obedecendo a lei, a pessoa evita a punição. (Pág. 107)

As leis da ciência

Diferenças aparentes entre as leis da religião ou do governo e as leis científicas têm sido atribuídas a diferenças de processos de pensamento. Costuma-se dizer que as primeiras são "feitas" enquanto as últimas são simplesmente descobertas. A diferença, todavia, não está nas leis, mas nas contingências que as leis descrevem. As leis da religião e do governo codificam contingências de reforço mantidas por ambientes sociais. As leis da Ciência descrevem contingências que prevalecem no meio independentemente de qualquer ação humana deliberada. (Pág. 109)

Comportamento modelado por contingências versus **comportamento governado por regras**

Quando uma pessoa não foi adequadamente exposta a uma comunidade verbal, pode usar as regras de uma língua para falar corretamente. Ao aprender uma segunda língua, por exemplo, pode descobrir as respostas apropriadas num dicionário bilíngue e as regras apropriadas numa gramática. Se estes auxílios forem adequados, ela poderá presumivelmente falar de modo correto, mas estaria perdida sem o dicionário e a gramática e, ainda que os aprendesse de cor, não *conheceria* a língua no sentido a ser discutido no próximo capítulo. (Pág. 110)

Os sentimentos associados com as duas espécies de comportamento também são diferentes, mas não explicam a diferença dos comportamentos. (Pág. 110)

(...). Todo comportamento é determinado, direta ou indiretamente, pelas consequências, e os comportamentos do cientista e do leigo são modelados por aquilo que realmente existe, mas de maneiras diversas. (Pág. 111)

Estão as regras nas contingências?

Não precisamos descrever as contingências de reforço a fim de sermos afetados por elas.

(...) uma criança ou um cão aprendem a pegar uma bola sem, “de alguma forma, extraírem as regras que governam a trajetória”. (Pág. 110 e 111)

Razão e razões

Frequentemente nos referimos às consequências do comportamento como *razões.* Nós as citamos ao explicar nosso próprio comportamento. (Pág. 112)

As consequências descritas ou implícitas em conselhos, avisos, instruções e leis são as *razões* pelas quais uma pessoa atende a um conselho, presta atenção a um aviso, segue instruções e obedece a leis. As pessoas não nascem com uma aptidão de atender a conselhos ou prestar atenção a avisos. Os estímulos que tenham a categoria de conselhos ou avisos devem desempenhar um papel numa longa história do condicionamento antes de que uma pessoa possa ser induzida a comportar-se de conformidade com as razões que lhe sejam alegadas. (Pág. 113)

(...). Quando um terapeuta indica as razões pelas quais o comportamento de seu paciente está-lhe acarretando a perda de amigos, pode-se dizer que se empenha em “esclarecer uma relação entre o comportamento e certas consequências adversativas", mas o paciente só se modificará se o terapeuta tornar suas observações eficazes de outras maneiras - não "incutindo confiança ou crença" mas tornando o seu comportamento parte das contingências em que o paciente foi reforçado. (..) (Pág. 113)

Raciocínio

I Indução

A indução tem sido definida como o raciocínio que vai dar parte ao todo, do particular ao geral. Possivelmente, podemos traduzir isto dizendo que, ao analisar exemplos,

podemos extrair regras que se aplicam a uma classe de fatos. (...) A indução não é o processo pelo qual o comportamento se fortalece pelo reforço; é uma análise das condições em que o comportamento é reforçado. (...) (Pág. 113)

(...) Raciocinar acerca do comportamento é questão de analisar as razões do comportamento, ao passo que raciocinar sobre um problema é mais uma questão de encarar as contingências problemáticas do que simplesmente alterá-las por meio de procedimentos estabelecidos para a solução de problemas. (...) (Pág. 114)

(...). Todo comportamento é, em princípio, inconsciente, mas pode tornar-se consciente sem se tornar racional: uma pessoa pode saber o que está fazendo sem saber por que o está fazendo. (Pág. 114)

Loucura e razão. Erasmo, em seu *Elogio da Loucura*, assinalou que não se pode começar com a razão. A vida da razão é sem dúvida admirável, mas não haveria nada acerca do que ser razoável se não fosse em consequência da alimentação, do sexo e de outros reforços básicos - as coisas aqui Erasmo chama loucura. "A persistência da loucura humana diante dos heroicos esforços de iluminá-la" pela razão pode ser a tragédia de nosso tempo; mas se nos cumpre empreender uma ação efetiva, a razão consistirá numa análise das contingências representadas pela loucura e dos usos que delas se pode fazer. (Pág. 114 e 115)

Raciocínio

II. Dedução

A dedução, enquanto raciocínio que vai do geral ao particular, tampouco constituem um processo que requeria análise comportamental; há, porém, um campo relacionado com o controle exercido por regras que exige atenção. (..) É tentador estabelecer uma distinção grosseira entre indução como uma derivação de regras, e dedução como uma aplicação de regras, mas isso seria negligenciar o fato de que a dedução é frequentemente uma questão de derivar novas regras a partir das antigas, em particular de uma consideração de certos termos-chaves, como "todos", “alguns”, “nenhum”, “se” e “ou”, onde a descoberta de regras pela derivação de novas regras a partir das antigas pareceria ser um exemplo de indução. (Pág. 117)

9. O Conhecer

Provem o conhecimento da experiência?

John Locke e outros empiristas ingleses acentuavam o mero contato com o ambiente estimulador. Não explicavam por que uma pessoa *deveria* dar atenção ao mundo que a cerca, por que deveria ligar (associar) dois traços que ocorriam juntos

de tal forma que um deles fazia lembrar o outro, ou porque *deveria* afinal pensar a respeito deles. (Pág. 120 e 121)

O conhecimento como poder e como contemplação

:

Nós não agimos pondo em uso o conhecimento: nosso conhecimento é ação, ou pelo menos regras para a ação. (...) O comportamento operante é essencialmente o exercício do poder: tem um efeito sobre o meio. (Pág. 121)

Há lugar, numa análise behaviorista, para um tipo de conhecimento carente de ação e por isso carente de poder. Não é preciso comportar-se de forma ativa para sentir observar, por introspecção, certos estados normalmente associados com o comportamento. (Pág. 121)

Grande parte daquilo que é chamado conhecimento contemplativo está associado com o comportamento verbal e com o fato de ser antes ou o ouvinte, e não o falante, que assume a ação. Podemos falar do poder das palavras a afetar o ouvinte, mas o comportamento de um falante ao identificar ou descrever algo sugere um tipo de conhecimento divorciado da ação prática. O comportamento verbal desempenha papel de destaque no conhecimento contemplativo, contudo, porque está bem adaptado ao reforço automático: o falante pode ser seu próprio ouvinte. Há comportamentos não-verbais que produzem o mesmo efeito. Respostas perceptivas que esclarecem estímulos e resolvem perplexidades podem ser automaticamente reforçadoras. "Aprender o sentido” de uma passagem difícil é algo parecido. Todo o mundo da fantasia é constituído de comportamento perceptivo que é automaticamente reforçador, e algumas partes caem dentro do campo do comportamento. Contemplação desta espécie seria impossível, contudo, sem uma prévia disposição a contingência em que a ação é empreendida e diferencialmente reforçada. (Pág. 122)

Compreensão

(...) A compreensão obtida com o passar de comportamento governado por regras a comportamento moldado por contingências é comumente reforçadora, em parte porque é menos provável, no último caso, que os reforçadores sejam planejados e daí também menos provável que atuem no interesse de outrem. (Pág. 123)

O conhecimento como posse de informação

A teoria da informação surgiu da análise de sinais transmitidos, como numa linha telefônica. No campo do comportamento verbal, ela poderia ser aplicada ao fluxo sonoro de fala entre falante e ouvinte ou aos sinais de uma carta enviada de autor a leitor. A mensagem tem, como já disse, uma condição aparentemente objetiva.

A informação é usada de maneira assaz diversa na descrição de comportamento individual. Assim como a técnica externa de armazenar e posteriormente consultar memorando é usada de forma metafórica para representar um suposto processo mental de armazenagem e recuperação de recordação, assim também a transmissão de informação de uma pessoa a outra tem sido usada metaforicamente para representar a transmissão da entrada para a saída (ou do estímulo para a resposta). (Pág. 123 e 124)

(...) o ambiente integra o corpo (ou é assumido por ele), sendo processado e convertido em comportamento. A semelhança das lembranças ou estruturas de dados, armazenados, a informação começa com uma entrada (necessariamente codificada), mas modifica-se progressivamente até tornar-se uma predisposição de agir. (...) (Pág. 124)

O conhecimento pessoal do cientista

É absurdo supor que a Ciência seja aquilo que um cientista sente ou observa de forma introspectiva. Nenhuma pessoa pode responder a mais do que uma minúscula pasta das contingências predominantes do mundo à sua volta. (Pág. 125)

A indiferença pelo bem-estar do Estado e a conversão da alma a Deus sugerem uma substituição das sanções governamentais por sanções religiosas.

10. O mundo interior da motivação e da emoção

o intelecto controla necessidades emoções, embora malogre fazê-lo de quando em quando

Personalidade

(...) O corpo que se comporta de forma ponderada a maior parte do tempo é o mesmo corpo que, ocasionalmente, se mostra insensível ou cruel; o corpo que se comporta como heterossexual a maior parte do tempo é o mesmo corpo que é ocasionalmente homossexual. O que uma pessoa é, de fato, pode significar o que seria se pudéssemos tê-la visto antes de seu comportamento ter sido submetido a ação de um ambiente. Teríamos então conhecido sua “natureza humana”. (...) (Pág. 130)

(...) o comportamento egoísta gerado por reforçadores biológicos, e pode assumir a forma de uma imitação da sociedade ("e servir de Vigário da sociedade") na medida

em que as injunções de pais, professores e outros se tornam parte do seu repertório. (...) (Pág. 131)

A vida da Psique

(...) O instinto é "uma soma de energia psíquica que imprime direção aos processos psicológicos", no sentido de suscetibilidades inatas ao reforço não apenas fortalecerem o comportamento, mas dar-lhe direção, modelando e mantendo sua topografia. (...) (Pág. 132)

As relações controladoras entre o comportamento e as variáveis genéticas e ambientais são todas inconscientes

O que o behaviorismo rejeita é o inconsciente como um agente, e está claro que também rejeita a mente consciente como um agente. (...) (Pág. 133)

(...) O enfraquecimento da confiança no futuro leva a ansiedade e a depressão, as quais interrompem processos de pensamento. A tendência ao conformismo impede uma pessoa de conhecer seus próprios temores, iras ou sentimentos de desespero. (Pág. 133 e 13.4)

As condições corpóreas associadas à obediência podem não ser sentidas, se as condições associadas com a fuga ou o contra-ataque forem fortes.

O mecanismo de defesa de Freud

Repressão: (...) o comportamento que é punido torna-se adversativo, e ao não adotá-lo ou não a "vê-lo" uma pessoa evita estimulação adversativa condicionada. Há sentimentos associados a isso, mas os fatos são explicados pelas contingências. (Pág. 134)

Por que olhar para dentro?

O extraordinário atrativo das causas internas e a consequente negligência das histórias ambientais e do cenário atual se deve em algo mais do que uma prática linguística. (...). É o atrativo de um poder aparentemente inexplicável, num mundo que parece situar-se além dos sentidos e do alcance da razão. É o atrativo ainda exercido pela astrologia, pela numerologia, pela parapsicologia e pela pesquisa psíquica. (Pág. 140)

11. O Eu E os Outros

Numa análise comportamental, uma pessoa é um organismo, um membro da espécie humana que adquiriu um repertório de comportamento. Ela continua sendo um organismo para o anatomista e para o fisiologista, mas é uma pessoa para aqueles que dão importância ao comportamento. (Pág. 145)

Diferentes contingências criam diferentes pessoas dentro da mesma pele

Conhecendo a si mesmo

A passagem de indícios introspectivos para indícios ambientais não garante que o autoconhecimento será preciso, entretanto. Nem sempre observamos as contingências às quais estamos expostos. Podemos manter registros do que ocorreu, como um diário, mas em geral nossa informação é superficial. Não estamos sempre atentos ao que ocorre enquanto agimos e, quando nos perguntam como nós comportaríamos em determinadas circunstâncias, frequentemente fazemos conjecturas erradas, ainda que tenhamos enfrentado circunstâncias e semelhantes no passado. Então, como de costume, tendemos a explicar o inexplicável atribuindo-o à herança genética - declarando "Eu nasci assim" ou "Esse é o tipo de pessoa que eu sou". (Pág. 148)

Conhecendo outra pessoa

(...) A psicoterapia é particularmente importante quando as contingências responsáveis por um uniforme verbal são tão poderosas que a própria pessoa não sabe que "está com medo". O terapeuta "a auxilia a descobrir seu temor". Quando ela age corajosamente embora sentido medo, é o tipo de pessoa que é nesse momento. Não precisamos presumir que haja uma pessoa temerosa emboscada nas profundezas. (Pág. 150)

Controlando uma pessoa

(...). Uma pessoa modifica o comportamento de outra mudando o mundo que esta vive. Como fazê-lo, muda sem dúvida o que a outra pessoa sente ou observa introspectivamente. (Pág. 156)

(...) Infelizmente, os reforços mais comumente usados são negativos: o controle governamental e religioso se baseia principalmente na ameaça de punição ("poder") e as práticas não institucionais são no geral da mesma espécie. Entre os reforçadores positivos estão os bens e o dinheiro do controle econômico na agricultura, no

comércio e na indústria e, menos formalmente na vida diária (“riqueza” ou “privilégio”). (...) (Pág. 156)

Atenção, afeto ou aprovação simulados eventualmente causarão, mas que resolverão problemas

12. A questão do controle

(...) o comportamento de uma pessoa é controlado mais por sua história genética e ambiental do que pela própria pessoa enquanto agente criador, iniciador; todavia, nenhum outro aspecto da posição behaviorista suscitou objeções mais violentas. (Pág. 163)

Subestimamos amiúde o fato de que o comportamento humano é também uma forma de controle. Que um organismo deve agir para controlar o mundo a seu redor é uma característica da vida, tanto quanto a respiração ou reprodução. Uma pessoa age sobre o meio e aquilo que obtém é essencial para sua sobrevivência e para a sobrevivência da espécie. A ciência e a Tecnologia são simplesmente manifestações desse traço essencial do comportamento humano. A compreensão, a previsão e a explicação, bem como as aplicações tecnológicas, exemplificam o controle da natureza. Elas não expressam uma "atitude de dominação” ou "filosofia de controle”. São os resultados inevitáveis de certos processos de comportamento. (Pág. 163)

A luta pela liberdade

O êxito do homem em libertar-se das irritações e perigos de seu ambiente físico e dos aspectos punitivos e exploratórios de seu ambiente social foi talvez o seu maior feito. Deixou-o livre para desenvolver outros tipos de comportamento com consequências altamente reforçadoras. (Pág. 169)

O ambiente social controlador

(...) qualquer contracontrole efetivo que conduza à "libertação" do indivíduo só pode ser alcançado por um planejamento explícito, e este deve fundamentar-se numa análise científica do comportamento humano. Devemos certamente começar pelo fato de que o comportamento humano é sempre controlado. (Pág. 172)

As instituições religiosas oferecem pós-vida reforçador e os governos induzem as pessoas a morrer pela pátria

A evolução de uma cultura

(...) Como um conjunto de contingência de reforço mantidos por um grupo, possivelmente formuladas por meio de regras ou leis, a cultura tem uma condição física bem definida; uma existência contínua para além da vida dos membros do grupo; um padrão que se altera à medida que certas práticas lhe são acrescentadas, descartadas ou modificadas; e, sobretudo, poder. Uma cultura assim definida *controla* o comportamento dos membros do grupo que a pratica. (Pág. 173 e 174)

Os aspectos mais importantes de uma cultura assim definida é o de que ela evoluiu. Uma prática surge como uma mutação; ela afeta as probabilidades de um grupo vir a solucionar seus problemas; e se o grupo sobreviver, a prática sobreviverá com ele. Ela foi selecionada devido à sua contribuição para a eficácia daqueles que a praticam. Eis em outro exemplo desse processo sutil chamado seleção; ele possui os mesmos traços familiares. As mutações podem ser causais. Uma cultura não carece de ter sido planejada e sua evolução não revela um propósito. (Pág. 174)

(...) O que é bom para a espécie é aquilo que lhe ajuda a sobrevivência. O que é bom para o indivíduo é aquilo que promove o bem-estar. O que é bom para a cultura é aquilo que lhe permite solucionar os seus problemas. (Pág. 175 e 176)

Devemos considerar a cultura como um meio social

13. O que Há dentro da Pele?

(...) O organismo se torna uma pessoa quando adquire um repertório de comportamento nas contingências de reforço a que foi exposto ao longo de sua vida. O comportamento que apresenta em qualquer momento está sob o controle de um cenário atual. Ele consegue adquirir esse repertório sobre tal controle por causa de processos de condicionamento que também são parte de sua dotação genética. (Pág. 177)

Mente ou o sistema nervoso?

A chave está nas contingências de sobrevivência. Assim como não podemos recorrer à dotação inata para explicar a fala gramatical, a Lógica ou a Matemática, porque a gramática, a lógica e a matemática não constituem parte do ambiente humano a tempo suficientemente longo, assim também devemos questionar todo esforço no sentido de atribuir autoconhecimento introspectivo a um sistema nervoso especialmente adaptado para este fim. O comportamento verbal, a lógica, a matemática e a introspecção foram construídos sobre traços da espécie humana que já haviam surgidos por outras razões. (Pág. 184)

14. Recapitulando

A democracia é uma versão de contracontrole que visa solucionar o problema da manipulação.

O que aprendemos com a análise experimental do comportamento sugere que o ambiente desempenha as funções anteriormente atribuídas a sentimentos e estados internos do organismo, introspectivamente observados. Esse fato está sendo reconhecido lentamente. Só provas muito fortes do papel do ambiente poderiam contrabalançar os efeitos do mentalismo que desvia a atenção para supostas causas internas. (Pág. 210)

Minidicionário

Contracontrole: O contracontrole é o comportamento de escapar ao controle aversivo. Assim, há a presença desse fenômeno quando são observados comportamentos de pôr fim a um controle exercido por meio da coerção

Demônio de Maxwell: é um experimento mental proposto pelo físico James Clerk Maxell em 1871 que (teoricamente) provaria que a segunda lei da termodinâmica só é verdadeira estatisticamente, ele mostra uma situação em que seria possível retornar a um estado de energia desigual, diminuindo a entropia e assim quebrando a segunda lei da termodinâmica. A **Segunda Lei da Termodinâmica** diz que para um sistema realizar conversões de calor em trabalho, ele precisa realizar ciclos entres fontes de calor quente e fria de forma sucessiva. Assim, ocorre a transformação de calor em trabalho por um processo cíclico.

Dotação Genética: Todos os genes carregados por um indivíduo são coletivamente denominados sua dotação genética, ou seja, é aquilo que é hereditário.

Palavra portmanteau: é uma palavra que é resultado da fusão de duas outras, geralmente uma perde o final e a outra perde o começo para se tornar uma só.

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2023

Tiago André M. Malta

CRP: 38560
Contatos: 99420-5918 (claro e WhatsApp) ou tiagomaltapsi@gmail.com
Blog: https://tiago-malta.blogspot.com
Fã Page: https://www.facebook.com/tiagomaltapsicologo/?ref=bookmarks